

## EDITORIAL

### Feliz ano de 2013

O tempo passou muito rápido, voou, foi como raio. O ano de 2012 chispou no infinito, deixando um rastro de muitas tristezas e muitas alegrias. Deixamos para trás uma experiência de uma greve de três meses que desgastou a comunidade acadêmica, mas foi vitoriosa nas suas reivindicações. Na noite do dia 18 de dezembro o Senado da República aprovou o Projeto de Lei que garante o aumento aos professores da rede federal de ensino superior. Foi o coroar de uma expectativa que durante os meses de greve corroía nas assembleias os nervos dos docentes das federais.

A aprovação do Projeto de Lei é o primeiro passo de uma longa caminhada na consolidação da reestruturação da carreira do docente. Temos muito que fazer nos grupos de trabalhos, onde a nossa presença e demanda será decisiva para garantir os nossos direitos. Em nenhum momento, recuaremos em nossas posições. O nosso objetivo é cumprir com os compromissos assumidos com os nossos colegas professores. Conseguir melhores condições de trabalho, carreira e salário.

Finalmente, queremos desejar a todos os nossos colegas professores da Universidade Federal de Goiás nessa passagem "mística", de 2012 para 2013, muitas alegrias, felicidades, união familiar e união com amigos.

Como o vento que levou, como o vento que trará a novidade do grande sorriso para todos vocês, nossos queridos.

Fraterno abraço.

Diretoria da Adufg Sindicato

Layza Vasconcelos



DANÇA AFRO – Renata de Lima Silva, da Faculdade de Educação Física, empenha-se em projetos que aproximam a UFG de manifestações culturais populares e negras. **Página 5**

## TECNOLOGIA



Macloys Aquino



Arquivo pessoal

## Física e robótica em ascensão

Com cursos de Física Médica e Engenharia Física, Fernando Pelegrini (esq.) busca inserção internacional. Marcelo Stoppa (dir.) cria pólo de pesquisa de ponta em Catalão com a Matemática Industrial. **Páginas 8 e 9; 10 e 11**

### Jataí capacita gestor do campo

Empresa júnior do curso de Agronomia, do Câmpus Jataí, empreende projetos que auxiliam pequenos produtores e firma parcerias com empresas multinacionais que iniciam estudantes no empreendedorismo. **Página 13**

### Delação e apoio na ditadura

Professor aposentado Horieste Gomes relata como sofreu perseguição, mas também que contou com amparo de colegas durante os anos de chumbo. **Página 16**

APROVADO PROJETO DA CARREIRA **Página 3**

TRABALHISMO: COMO VARGAS É ATUAL **Página 15**

TEATRO: VIOLÊNCIA SE JUNTA À ALEGRIA **Página 14**

Contato com a Redação

Telefone

62 3202-1280

E-mail

jornaldoprofessor@adufg.org.br

# Debate: expectativas da carreira

*Professores avaliam o projeto que altera a carreira docente, que pode se tornar lei e vigorar já no início de 2013*



Alexandre Aguiar dos Santos\*

## O PL e a desestruturação da carreira

Início esta carta fazendo um alerta ao leitor sobre o **Jornal do Professor**, editado pela direção da Adufg Sindicato, nossa seção sindical do Andes-SN. Este não é apenas um instrumento de busca da legitimidade perdida pela diretoria da Adufg durante a greve, é essencialmente o fortalecimento de um campo político reacionário dentro da UFG. Contraditoriamente, a utilização destas poucas linhas possibilita aos leitores, que não têm a consciência domesticada pela lógica de que “tudo deve mudar, para tudo fique como está”, um espaço para reflexões que sugere outros caminhos de participação coletiva e democrática na UFG.

A força da maior greve dos docentes das universidades federais culminou num projeto de lei que expressa um golpe do governo e de um sindicalismo pelego e anti-trabalhador (Proifes) contra os docentes. Tenho a certeza que não serão poucas as linhas deste jornal dedicadas a avaliar positivamente a desestruturação da carreira. Neste espaço, é possível indicar brevemente o seu caráter regressivo. Há muitos anos não temos uma carreira estruturada e com o projeto vamos continuar não tendo. No âmbito remuneratório (vitória parcial do movimento grevista) o governo federal utilizou o expediente do reajuste salarial (2010-2015) para impor uma carreira que atenta contra as condições de trabalho e a defesa da universidade pública. O projeto de lei amplia as possibilidades das universidades federais de se converterem em balcão de negócios de interesses privados. O projeto pavimentou o caminho para o fim da DE, uma carreira com significado menor diante das possibilidades remuneratórias com projetos (ranqueados entre as universidades e no seu interior) restritos a docentes considerados de “excelência” (produtividade medida pela lógica capes), e da prestação de serviços ao mercado do ensino, da pesquisa e da extensão. O mérito é a expressão da habilidade de “chegar na frente”, aprofundando e instituindo a disputa entre docentes por financiamento e ascensão na própria carreira. A competição entre docentes será a dinâmica do cotidiano acadêmico.

A desestruturação da carreira intensificará a prática docente passiva diante da lógica da prestação de serviço, em que a remuneração, subordinada às necessidades do mercado, impede o desempenho pleno de suas atribuições docentes. Limitando a prática docente a execução burocrática de uma carga horária de ensino, pesquisa e extensão. A subjetividade do professor, forjada por uma carreira desestruturada, é avessa ao trabalho coletivo e a sua participação protagônica na construção de uma instituição universitária em que os princípios constitucionais da gratuidade, autonomia, democracia, indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, sejam expressão de uma prática institucional conscientemente concretizada. O projeto de lei compõe a política das contra-reformas do governo federal, expressão dos interesses políticos e econômicos dominantes do latifúndio, dos monopólios e do imperialismo.

\* Professor do curso de Direito, do Câmpus Cidade de Goiás



Ana Christina de Andrade Kratz\*

## Por que apoio o acordo com o governo

O acordo que resultou no PL 4.368/2012 é resultado da interlocução qualificada do Proifes, que sempre teve uma postura de defesa firme da categoria.

O Proifes foi signatário dos acordos assinados em 2007, 2008, 2011 e 2012, que elevaram fortemente o percentual representado pelo vencimento básico na remuneração total, incorporando gratificações. Uma conquista muito importante para docentes aposentados. Construímos os alicerces da UFG, agora composta de uma maioria de doutores em dedicação exclusiva. Com todas as gratificações incorporadas, com direito ao aumento concedido aos professores da ativa e com a negociação para corrigir o prejuízo causado pela criação do cargo de associado, temos o tratamento isonômico que defendemos.

Sou a favor do acordo. Universidade pública e gratuita de qualidade é investir na qualificação docente e no reconhecimento do mérito. A carreira tem que valorizar a titulação acadêmica, permitir a promoção e principalmente ser atrativa para os jovens talentos.

A reestruturação objeto do acordo contempla diversas reivindicações e ajustes na carreira. A inclusão do titular é uma delas. Agora, a promoção somente depende do docente, de sua trajetória acadêmica e do seu reconhecimento.

Muito se tem para negociar. Este acordo, que considero satisfatório, não esgota todos os aspectos da carreira.

Meu maior empenho é avançar a negociação da garantia de correção da injustiça com os adjuntos IV doutores que se aposentaram no topo da carreira, uma vez que não existia promoção para titular, e que foram rebaixados com a criação do cargo de associado. Negociação dura com o governo. Esta demanda atinge também os adjuntos IV mestres, especialistas e graduados.

Esses professores fizeram carreira numa época de poucos cursos e vagas nos mestrados, e pouquíssima oferta de doutorado. A maioria desses cursos ficava no eixo Rio-São Paulo. Ou o professor se mudava ou ficava indo e vindo de ônibus. Dificuldades que foram determinantes na vida de vários docentes.

A luta pela aposentadoria não está ganha. Com novas regras de aposentação a partir das emendas constitucionais nº 20/98, 41/03 e 47/05, os professores que ingressaram a partir de 1998 estão tendo limitações cada vez maiores no seu direito à aposentadoria.

A luta por melhores condições de trabalho, salários e carreira atraentes vai continuar na pauta do sindicato e da federação. É preciso que os sindicatos tenham visão local. As condições de oferta são muito diferenciadas quando comparamos universidades, campus e até unidades, sem perder de vista a necessidade de carreira que seja capaz de atrair novos talentos para aquelas IFES que convivem com dificuldades para consolidarem a expansão do ensino superior público.

Devemos continuar negociando, consolidando as conquistas e avançando nas reivindicações justas de melhorias na carreira, salário e condições de trabalho.

\* Professora aposentada da Faculdade de Educação, membro do Conselho Deliberativo do Proifes-Federação

# Adufg

17ª Diretoria Executiva  
Sindicato dos Docentes das  
Universidades Federais de Goiás

Rosana Maria Ribeiro Borges  
Presidente

José Wilson Nerys  
Vice-presidente

Elias Nazareno  
Diretor Secretário

Bartira Macedo  
Diretora Adjunta Secretária

Beneval Rosa  
Diretor Administrativo

Flávio Alves da Silva  
Diretor Adjunto Administrativo

Antônio César de Oliveira  
Diretor Financeiro

Lucilene Maria de Sousa  
Diretora Adjunta Financeira

Carlos Alberto Tanezini  
Diretor para Assuntos dos  
Aposentados e Pensionistas

Rui Yamada  
Diretor Adjunto para  
Assuntos dos Aposentados e  
Pensionistas

## Jornal do Professor

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO  
DOS DOCENTES DAS  
UNIVERSIDADES  
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO I - Nº 3 - DEZEMBRO 2012

Projeto idealizado por  
Prof. Juarez Ferraz de Maia

Editora responsável  
Alessandra Faria (JP01031/GO)

Editor e repórter  
Macloys Aquino (FENAJ 02008/GO)

Projeto gráfico e diagramação  
Cleomar Nogueira

Estagiários  
André Albuquerque, Cristine  
Cidade e Frederico Oliveira

Publicação mensal

Tiragem  
2500 exemplares

Impressão  
Flexgráfica

Contato  
jornaldoprofessor@adufg.org.br

9ª Avenida, 193, Leste Vila  
Nova - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3202-1280

Produção e edição  
Assessoria de comunicação  
da Adufg Sindicato



## OPINIÃO DO LEITOR

• A reportagem “O início da universidade em três momentos”, da última edição do **Jornal do Professor**, mostra uma foto com indicação de que é da primeira turma de Engenharia Civil da UFG, em 1960. Um pouco mais abaixo diz que a UFG foi criada em 14/12/1960.

A foto, na verdade, é da primeira turma de Engenharia Civil da Escola de Engenharia Civil de Goiás, posteriormente incorporada pela UFG. Eles são da turma de 1959, cuja formatura deu-se no início de 1960, quando ainda não existia a UFG. A primeira turma da UFG foi a turma de 1960, que colou grau em abril de 1961, quando já existia a UFG. Foi um evento transcendental em Goiás e o Dr. Colemar Natal e Silva, então primeiro reitor da UFG, fez questão de fazer uma comemoração de arromba.

No mais, a reportagem é uma justa homenagem ao professor Orlando de Castro, meu colega e amigo, que merece todo o crédito de que hoje eu seja um Engenheiro.

**José Rubens Ambrósio**, engenheiro, de Brasília, DF

• Parabéns. Ficou ótima a edição.

**João da Cruz**, professor da Faculdade de Direito

• A todos da equipe do **Jornal do Professor**, parabéns pela edição. A única sugestão é de que continuem. O trabalho ficou primoroso.

**Adriana Mara Vaz Oliveira**, professora da Faculdade de Arquitetura e da FAV

• Ficou muito interessante. Aliás, o melhor jornal de sindicato que eu já vi até hoje. Parabéns!

**Altair Tavares**, jornalista e radialista

• Meus efusivos cumprimentos pela qualidade das matérias constantes do 2º número do **Jornal do Professor**. Manter esse nível será trabalho hercúleo, mas não impossível. Continuem.

**José Antônio de Camargo Rodrigues de Souza**, professor aposentado da Faculdade de História (UFG)/Universidade do Porto.

# Câmara Municipal homenageia servidores pelos 52 anos da UFG

Em comemoração aos 52 anos da UFG, a Câmara Municipal de Goiânia homenageou 46 professores, servidores técnico-administrativos e estudantes, no último dia 13 de dezembro.

A reitoria da UFG, a Adufg Sindicato, o Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Superior do Estado de Goiás (Sint-Ifesgo) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) indicaram nomes que receberam diplomas de honra ao mérito.

A iniciativa, do vereador Fábio Tokarski (PC do B), levou cada unidade e órgão administrativo da UFG a estabelecer critérios próprios de escolha dos homenageados: tempo de carreira, destaque e inclusive eleições, como no caso da Faculdade de Letras.

“A UFG é o principal centro de pesquisa e contribui muito para o desenvolvimento de Goiás e do Brasil. É preciso um movimento de despertar para conhecer a universidade”, disse Fábio, que também é professor licenciado da Faculdade de Artes Visuais (FAV).

“Por mais plural que seja a representação aqui, não conseguiria nunca trazer a memória da construção da universidade e de todos os que fazem a UFG se realizar, porque milhares merecem essa ho-



Professores e servidores administrativos no plenário da Câmara Municipal

menagem”, completou, ele que não se candidatou à reeleição em 2012 e volta à docência em 2013.

Em seu discurso, Fábio defendeu os governos Lula e Dilma Rousseff (PT) e criticou parte da imprensa, afirmando que, aliada a setores do Judiciário e do Ministério Público, empreende uma “campanha contra o desenvolvimento”.

A professora e musicista Glacy Antunes de Oliveira, ex-diretora da Emac, e o locutor da Rádio Universitária João Sobreira da Rocha, falaram pelos homenageados, agradeceram a iniciativa e enalte-

ceram o papel da UFG na construção do conhecimento em Goiás.

“Nos sentimos honrados quando um dos poderes reconhece o trabalho da universidade”, disse o professor homenageado Fernando Kratz, aposentado do ICB.

Compuseram a mesa o reitor Edward Madureira, o vereador Paulinho Graus (PDT), a presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), Maria Zaíra Turchi, o vice-presidente da Adufg Sindicato José Wilson Nerys, o diretor do Sint-Ifesgo Elson Ferreira e o diretor do DCE Iago Montalvão.

## Aprovado projeto que reajusta salários em até 40%

O Senado aprovou na noite do último dia 18 de dezembro o projeto de lei que reestrutura o plano de carreira e cargos do magistério federal, e estabelece novas regras de ingresso, requisitos para desenvolvimento e remuneração. São beneficiados pela proposta os profissionais da educação básica, superior, profissionalizante e tecnológica da rede federal de ensino, inclusive os dos ex-territórios e os das escolas vinculadas ao Ministério da Defesa, como os colégios militares.

Pelo projeto, os professores das entidades federais contarão com reajuste de salários variando de 25% a 40% em relação a março deste ano. Os reajustes ocorrerão em três parcelas, sendo 40% em 2013, 30% em 2014 e 30% em 2015. O texto antecipa de julho para março de cada ano a vigência dos reajustes.

O maior aumento previsto – de 40% – irá para o professor universitário titular com dedicação exclusiva, o que eleva o atual vencimento de R\$ 12,2 mil para R\$ 17 mil. Já um professor com doutorado recém-ingressado na carreira passa a receber R\$

8,4 mil durante o estágio probatório e, após três anos, R\$ 10 mil.

A proposta também reúne em um único plano as carreiras de magistério superior e magistério do ensino básico, técnico e tecnológico. Atualmente, elas pertencem a dois planos distintos.

Os cargos isolados das carreiras do magistério, de nível superior, também serão dois: de professor titular-livre do magistério superior e de professor titular-livre do ensino básico, técnico e tecnológico. O projeto cria 1,2 mil vagas para o primeiro cargo e 526 para o segundo. No caso do ensino básico, técnico e tecnológico, o total de cargos criados será composto também por 354 cargos vagos hoje existentes.

Os profissionais executarão atividades de ensino, pesquisa e extensão e ainda as de direção, assessoramento, chefia, coordenação e assistência na própria instituição. O ingresso ocorrerá sempre no nível e na classe iniciais. O projeto prevê possibilidade de promoção acelerada, após estágio probatório, mediante a apresentação de títulos acadêmicos.

No caso dos cargos isolados de professor titular-livre, o ingresso se dará em classe e nível únicos, com equivalência remuneratória ao último nível das carreiras. O requisito de ingresso será a aprovação em concurso público de provas e títulos, no qual será exigido o título de doutor e 20 anos de experiência ou de obtenção do título de doutor.

Os servidores terão cargas semanais de trabalho de 20 horas e 40 horas, com dedicação exclusiva. A remuneração será composta de vencimento básico e retribuição por titulação, esta variando conforme o nível de titulação ou de reconhecimento de saberes e competências.

O senador Randolfe Rodrigues (PT-AP), único a se manifestar contrário, registrou nota do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN), de oposição ao projeto.

A mensagem segue para o gabinete da presidente Dilma Rousseff (PT) e, até o fechamento desta edição, no dia 19 de dezembro, a expectativa era de sanção ainda em 2012. As informações são da Agência Senado e da Agência Câmara.

## Discoteca anima Jantar de Fim de Ano

Os ritmos que embalam a juventude nas décadas de 60, 70 e 80 animaram os professores no tradicional Jantar de Fim de Ano da Adufg Sindicato, realizado no último 14 de dezembro, no Master Hall. Entre meias coloridas, plumas cor de rosa, saltos e muitas cores, os convidados se divertiram ao som da Banda Tropicália. O buffet El Hajj, especialista em cozinha internacional, serviu delicioso jantar com entradas, pratos principais e sobremesa. A galeria de fotos completa está no site [www.adufg.org.br](http://www.adufg.org.br), confira!



Fotos: Alyne Carneiro



## Coral e Travessia encerram atividades de 2012

O Coral Vozes da Adufg, coordenado pela professora Ormezinda de Melo Gervásio, realizou a última apresentação do ano no Encontro de Corais com Músicas Natalinas, promovido pela Embrapa, em Santo Antônio de Goiás. Após um mês de dezembro intenso de compromissos, o grupo se despediu em uma festa que contou com distribuição de certificados, bingo e jantar especial. Os ensaios semanais, às quartas-feiras, às 19h, serão reiniciados no dia 06 de fevereiro, no Espaço Cultural da Adufg Sindicato. Podem participar professores ativos e aposentados da UFG, familiares e convidados.

Já o Grupo Travessia-Aposentados da Adufg Sindicato encerrou as atividades do ano de 2012 com a II Exposição de Arte e Artesanato dos Professores Aposentados da UFG. Após o encerramento, os pro-

fessores aposentados realizaram a confraternização de fim de ano com uma animada revelação de "amigo oculto". O grupo, coordenado pela professora Janes Sarques, volta a se reunir em 2013 na primeira terça-feira de fevereiro, dia 05, a partir das 15 horas, no Espaço Cultural da sede administrativa do sindicato. O primeiro *happy hour* do ano dos aposentados também já tem data marcada: dia 21/02, quinta-feira, a partir das 17 horas.

### ANOTE

**06 de fevereiro de 2013**

Reinício das atividades do Coral Vozes da Adufg

**05 de fevereiro de 2013**

Reunião do Grupo Travessia

**21 de fevereiro de 2013**

*Happy hour* Grupo Travessia

## Plano Unimed/Adufg abre período de novas adesões

Estão abertas as inscrições para novos usuários do Plano de Saúde Unimed/Adufg. Os professores filiados interessados devem procurar a Sede Administrativa do sindicato para a adesão, de 01 a 20 de janeiro de 2013. O setor de convênios da sede administrativa do sindicato atende de segunda à sexta-feira, das **8h às 12h, e das 14h às 18h**.

As novas adesões não terão período de carência para início da utilização do plano. Acesse a nova tabela de valores do plano de saúde no [www.adufg.org.br/convenios](http://www.adufg.org.br/convenios). Mais informações pelo telefone 62 3202-1280 ou email [convenio@adufg.org.br](mailto:convenio@adufg.org.br).

Após longo período de negociação em 2012, o reajuste anual foi de 15% sobre as mensalidades, sem nenhuma perda

dos benefícios exclusivos aos titulares do mesmo, que são a inclusão de agregados (filhos maiores de 21 anos, pais, mães, sogros, sogras e netos) e dependentes econômicos sem carência e sem entrevista qualificada, nos períodos de abertura de novas adesões.

Segundo consta o contrato com a operadora Unimed, as mensalidades são reajustadas toda vez que ocorre a renovação do convênio, no mês de outubro. Como a negociação de 2012 só se encerrou em dezembro, a partir de janeiro as mensalidades serão reajustadas dentro do valor acordado, sendo que o quantitativo equivalente a outubro, novembro e dezembro será debitado em três parcelas nos meses de janeiro, fevereiro e março.

# Promoção à cultura popular

Professora da FEF incentiva projetos que aproximam a universidade de manifestações negras e populares

*“É um problema para a história da arte no Brasil. Quem trabalha com dança afro vai bater com evangélicos. É uma ignorância. Eu tenho outra religião e não vou apreciar os quadros do Giotto?”*

**Marianna Monteiro** (Unesp)

Vinda de São Paulo, a capoeirista e dançarina Renata de Lima Silva chegou há um ano à UFG e impulsiona o movimento de aproximação da universidade pública às culturas populares, projetando e valorizando elementos da cultura negra.

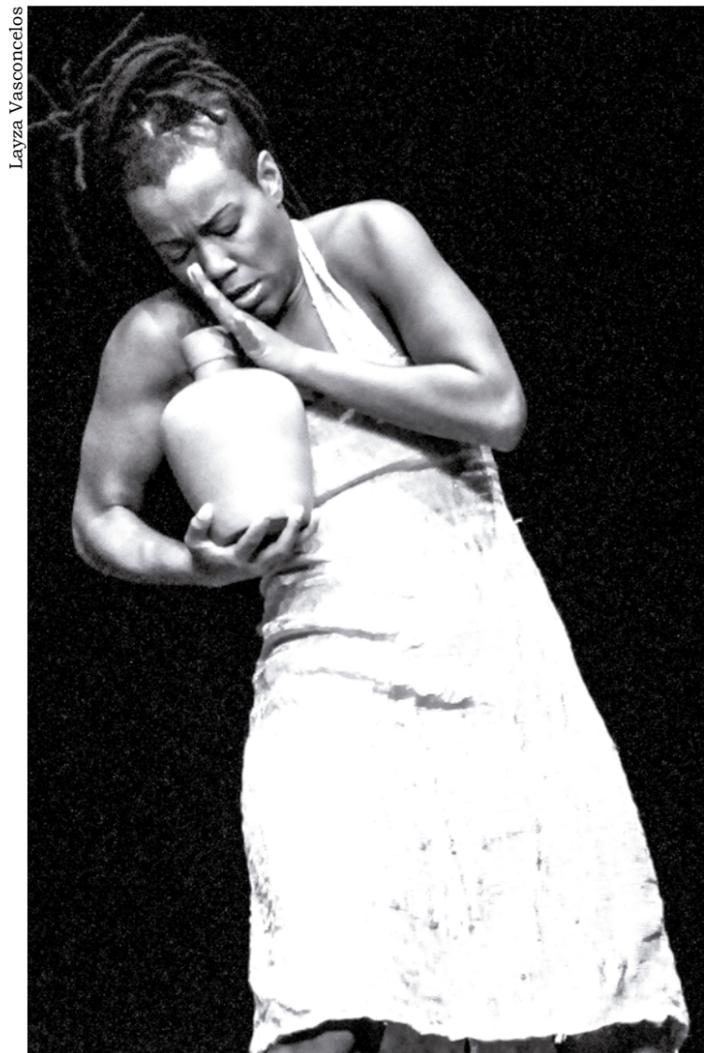
Pós-doutora em Dança pela Unesp e doutora em Artes pela Unicamp, a professora da Faculdade de Educação Física (FEF) integra, desde que chegou, em 2011, vários projetos que promovem a cultura popular na universidade e fora dela, principalmente a dança.

“Em Goiás, a cultura popular é forte, mas está muito distante dos produtores de dança. Aqui há um lugar onde as pessoas produzem dança – a que vai pros palcos – e

outro, da dança e da cultura popular. Acho que dá pra fazer uma ponte, sem descaracterizar (a cultura popular)”, disse ao **Jornal do Professor**.

Nesse um ano, Renata ajudou a aproximar a UFG de congadeiros goianienses, capoeiristas de Goiânia e de São Paulo, e lutou para colocar a estrutura da universidade à disposição do debate sobre danças afro e a reafirmação do papel da mulher negra.

“Muitos alunos não sabiam que havia congada em Goiânia”, disse, em referência ao Irmandade Negra em Movimento, en-



Layza Vasconcelos

contro que apresentou três ternos de congo goianienses na Faculdade de Educação, no primeiro semestre de 2012.

O evento é parte do projeto Corpopular: Intersecções Culturais, coordenado pelo Laboratório de História e Artes do Corpo – (Ve)lhaco, da FEF, que foi contemplado com o edital do Programa de Extensão Universitária (Proext), do Ministério da Educação (MEC).

“São muitas as dificuldades (enfrentadas pela cultura popular). Mas há muita fé, muita disposição. A universidade ajuda, mas com essa aproximação nos beneficiamos mais que eles, é um universo muito distante”, reconhece.

O projeto Ginga Menina, coordenado pela professora e organizado por um grupo de mulheres da Capoeira Angola de Goiânia, reuniu mais de 100 participantes em oficinas e rodas de capoeira pela universidade e pela cidade.

“Veio um ônibus com cinco mestres e 40 capoeiristas de São Paulo, que se encontraram com capoeiristas de Goiânia e por três dias vivenciaram a cultura negra com capoeira, samba e afoxé”, disse sobre o Dai-me Licença Aê, que ocorreu em junho, também dentro do Corpopular.

## Dança afro

A dança afro, outro objeto de estudo de Renata, é algo diferente das danças populares. Embora sejam confundidas e tenham a mesma matriz africana, “dança afro é dança moderna”, acentua a pesquisadora.

“Dança afro é aquela que não acontece como ritual ou apenas como ritual, embora possa ter elementos ritualísticos, inspirados neles. A dança popular sim, não só porque quer mostrar, mas porque quer fazer a manutenção da sua identidade”, explica.

Isso não impede comunidades de

eventualmente fazerem apresentações e inclusive cobrarem por isso. “Até como meio para garantir subsistência de suas tradições”, diz Renata. “Mas esse não é o eixo”, ressalta.

A dança afro, como dança moderna, preconiza sofisticação: aulas no modelo ocidental, com espelho, diagonal e barra, ensaios, divulgação e finalmente o espetáculo. “O limite entre uma coisa e outra hoje é tênue, porque há comércio de tradições. Mas isso (o espetáculo) não é o que move (a dança popular)”, diz Renata.

“A dança afro é a primeira dança moderna brasileira”, defende a atriz e professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Marianna Monteiro, que dividiu mesa com Renata durante o Festival de Danças Poéticas Negras, em novembro, em Goiânia.

Marianna exibiu o documentário dirigido por ela “Balé de pé no chão, a dança afro de Mercedes Baptista”, que mostra que o gênero é o primeiro em técnica e linguagem de dança moderna brasileira, em

contraposição ao clássico, que predominou até os anos 50 (leia mais no quadro abaixo).

Uma das raízes da confusão entre as danças afro e popular perpassa a religião. “É um problema para a história da arte no Brasil. Quem trabalha com dança afro vai bater com evangélicos. É uma ignorância. Eu tenho outra religião e não vou apreciar os quadros do Giotto?”, comparou Marianna.

Segundo a pesquisadora, a dança afro ocupou um espaço na história da dança do Brasil que não é o espaço de manifestações populares como o candomblé, por exemplo. “A dança afro não surge como ritual, ela se inspira nos rituais”, complementa Renata.

## Quem é Mercedes Baptista

É a primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e principal precursora da dança afro-brasileira. Suas criações coreográficas ainda são identificadas como repertório gestual da dança afro.

Nascida em 1921, antes da formação erudita em balé foi operária e empregada doméstica. Iniciou-se no balé clássico e na dança folclórica por Eros Volúcia, referência do balé brasileiro.

Na década de 40, conhece Abdias do Nascimento e participa do Teatro Experimental do Negro (TEN).

Em 1950 é levada a Nova York (EUA) pela coreógrafa, antropóloga e militante afro-americana Katherine Dunham. Retorna em 1951 e funda, no Rio de Janeiro, o Ballet Folclórico Mercedes Baptista.

Renata de Lima: “Em Goiás, a cultura popular é forte, mas está muito distante dos produtores de dança”. Acima, a performer se apresenta no Teatro Goiânia



Cristine Cidade

## LIGUÍSTICA

# Índio e sociedade não-índia se encontram

Projeto de extensão leva experiência de 25 anos de pesquisa com comunidades nativas a municípios do interior de Goiás

O fascínio no contato com símbolos e valores culturais diferentes é a principal ferramenta de trabalho de Maria Sueli de Aguiar. Linguista da Faculdade de Letras, a professora leva informações das diversas sociedades indígenas com as quais teve contato em seus 25 anos de pesquisa a moradores de cidades do interior de Goiás.

Trata-se do projeto de extensão “O índio e a sociedade não-índia”, em que Sueli e um grupo de estudantes da Letras passam três dias numa cidade e apresentam palestras, exibem filmes, levam objetos, ferramentas e peças de vestuários indígenas para crianças de escolas públicas.

Os pais dos alunos e outros moradores das cidades também participam da programação. Houve encontro que já chegou a juntar 400 pessoas. Já foram dezenas de cidades visitadas desde o início do projeto, em 1997.

A UFG banca os cartazes para divulgação, empresta o ônibus e paga o motorista. O combustível e



Cristine Cidade

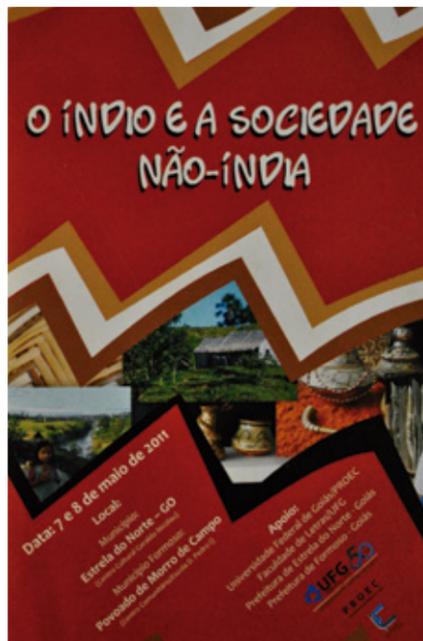
Sueli: contribuição com línguas indígenas. Ao lado, reprodução do cartaz do projeto de extensão “O índio e a sociedade não-índia”

as refeições dos participantes são assumidos pela prefeitura da cidade. Alunos se hospedam nas casas de pais de alunos que aceitarem recebê-los. “Assim o universitário aprende como é a vida de uma família no interior”, diz a professora.

“Normalmente alguém (da prefeitura) me procura, ou se eu tenho interesse em algum lugar eu pergunto. Vou lá e apresento o projeto”, diz.

**Contato**

As pesquisas de Sueli com sociedades nativas estão concentradas no resgate e preservação de línguas faladas e escritas. O trabalho consiste em conduzir, por meio



Cristine Cidade

no Acre com o qual teve contato ainda nos anos 80, durante sua graduação, na Unicamp.

Em 1985, Sueli foi para aldeia para terminar a graduação, quando surgiu o projeto Rondon. Após o contato com os Katukina, passou a trabalhar com outros grupos da família Pano, que utilizam línguas parecidas. Hoje, trabalha com uma família linguística.

“O que eu mais fixei foi os Katukina. E nessa vivência, você começa a mexer muito com seu lado espiritual. O pesquisador procura se inserir no ambiente e tentar o mínimo de intervenção. Então tem a consciência de que é um corpo estranho na comunidade, mas ao conviver você tem essa aproximação mais de irmandade mesmo”, diz.

“Tem pesquisador que vai passar um tempo na aldeia e vira outro elemento dentro da cultura e não mais um pesquisador. Ele se insere, é diferente da postura de um pesquisador”, diz, ressaltando, porém, que obteve muitas informações sobre o povo Katukina, algumas das quais “me reservo ao direito de não detalhar”.

“Eu acredito que eu contribua com a gramática, ajudá-los organizar a escrita da língua”, frisa a pesquisadora, ressaltando estar cada vez mais difícil alcançar elementos de culturas nativas, pelo fascínio de membros das tribos com a cultura urbana. “Vai ficando mais difícil a cada contato”, lamenta a professora.

## EXTENSÃO

## Farmácia faz ação para prevenir câncer de pele

A Faculdade de Farmácia lançou em Goiânia a campanha Fotoeducação, que prestou orientações sobre prevenção ao câncer de pele a mais de 1,2 mil pessoas. A ação, ocorrida no final de 2012 e que deve se repetir uma vez ao ano, foi motivada pelos alarmantes números de incidência da doença.

Câncer da pele é o tipo mais incidente no Brasil, correspondendo a 25% de todos os tumores malignos registrados no País. No Centro Oeste, é o tipo que mais ocorre em homens: são 124 casos para 100 mil habitantes. Os dados, do Instituto Nacional do Câncer (Inca), projetou para o País 62.680 casos novos de câncer da pele não melanoma entre homens e 71.490 em mulheres.

Cerca de 90% das lesões localizam-se nas áreas da pele

que ficam expostas ao sol, o que mostra a importância da proteção solar como melhor forma de prevenção da doença.

Durante a ação, comunidade acadêmica e público externo receberam informações sobre uso adequado do protetor solar, locais de aplicação, produtos mais indicados para cada tipo de pele e tiraram dúvidas. A mobilização partiu de três professores e envolveu 50 alunos e técnico-administrativos.

“Alcançamos nosso objetivo de lançar na universidade um projeto de educação em Saúde que visa mudar o hábito da população, conscientizando-os quanto à utilização correta do filtro solar”, diz o professor Flávio Marques Lopes, doutor em Bioquímica Clínica e Semiologia Farmacêutica, da Faculdade de Farmácia.

A professora Nathalie de Lourdes Souza Dewulf, coordenadora do Estágio em Farmácia Co-



Cristine Cidade

Professora Nathalie Dewulf (em pé, à direita) e o professor Flávio Lopes (agachado, à direita), junto a estudantes da Farmácia: prevenção

munitária e Assistência Farmacêutica, e Danielle Guimarães Almeida Diniz, da área de Tecnologia Farmacêutica e Cosmetologia, também

organizaram o evento. “É o início de um movimento que se estenderá por décadas na universidade”, pretende Flávio.

## MEMÓRIA

# Ex-colegas escrevem para Lucas Fortuna

A pedido do **Jornal do Professor**, jornalistas lembram momentos de convivência com ativista gay e ex-colega, assassinado em novembro em praia do Recife (PE). Polícia alega latrocínio, mas família e amigos insistem em crime de homofobia



Lucas Fortuna

A violenta morte do jornalista e ativista gay Lucas Cardoso Fortuna, de 28 anos, levou colegas de profissão e professores da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) a prestarem uma homenagem. Eles escreveram a pedido do **Jornal do Professor**.

Lucas foi assassinado por dois jovens no dia 18 de novembro passado, em uma praia de Recife (PE). Laudo do IML detectou sinais de espancamento e afogamento. A polícia pernambucana, que prendeu os dois acusados, divulgou o inquérito como caso de latrocínio (roubo seguido de morte), mas familiares e amigos contestam, reforçando que se tratou de típico crime de homofobia.

A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) se manifestou em solidariedade à família de Lucas e cobrou respostas das autori-

dades. A presidente da Adufg Sindicato, e também professora da Facomb, Rosana Borges, divulgou manifesto intitulado "Eu sou gay, e daí?", com argumentos em defesa da luta pelos direitos humanos.

Após o assassinato, houve protestos em São Paulo, Goiânia e Santo Antônio de Goiás, município onde Lucas presidia o PT, pela promoção do projeto de lei da Câmara 122, que criminaliza atos homofóbicos, bandeira da qual Lucas era entusiasta.

## DEPOIMENTOS

• *Minha maior lembrança do Lucas não é da alegria, da saia confiscada, das tantas festas, momentos de diálogos eternos, das idas a Santo Antônio de Goiás... Lembro do Lucas livre, de uma capacidade enorme de se apegar e se desprender de tudo. Tínhamos pontos de vista e métodos completamente diferentes e nunca disfarçamos isso um pro outro, era fácil nos encontrar discutindo sobre alguma coisa e mais fácil ainda era ver que minutos depois estávamos rindo, brincando um com o outro, saindo pra algum lugar juntos.*

*Minha lembrança dele é a do amigo que transformou minha forma de viver em sociedade, de compreender diferenças, de separar que pontos de vista distintos não são motivos pra briga, são apenas coisas a serem dialogadas, que discussões não inviabilizam amizades, apenas as reforçam. Lucas era de uma contradição típica dos inquietos, de quem é fiel aos seus propósitos antes de qualquer convenção ou imposição. Contradição que vinha da abertura.*

*Era engraçado como ele pulava do pós-modernismo ao marxismo, do PT ao PSol ao PT, do libertário ao monogâmico. Era engraçada a forma como ele parava e refletia sobre tudo, sua vivência do instante, sua permissão em aceitar a mudança como trunfo de pulso.*

*Não consigo digerir o que aconteceu, escrevo pra ver se fica mais fácil aceitar. Não acho que a culpa é do mundo, não desacreditei do homem, mas não consigo entender, não consigo suportar a ideia da morte matada, que sentimento de poder é esse... Não há filosofia, psicologia, literatura que console. Homens deveriam morrer só de morte morrida, jamais de morte matada.*

**Jusceni Rezende**  
Jornalista e ex-colega



Lillian Bento

• *Foi difícil encarar que o Lucas tenha tido uma morte assim tão violenta. Principalmente porque quando lembro dele, a imagem que guardo em minha mente é de uma pessoa alegre, de sorriso e peito sempre aberto e disposto para a luta por liberdade, por alteridade e por amor entre as pessoas.*

*O conheci ainda muito jovem quando entramos na Faculdade de Comunicação da UFG e acompanhei, a partir de então, sua luta contra a homofobia. Fica em minha memória sua força, seu sorriso, sua vontade. Fica, acima de tudo, em mim uma imensa vontade de dar prosseguimento a sua luta pelo fim da violência sexista e pela punição de crimes absurdos como o que tirou sua vida. Lucas presente, sempre.*

**Lillian Bento**  
Jornalista e ex-colega

• *Por alguns caprichos do destino, Lucas e eu não nos encontramos diretamente, como professor e aluno, dentro da sala de aula. Mas a convivência foi grande quando começamos a debater exaustivamente o novo currículo do curso de Jornalismo, em 2003.*

*Lucas teve um envolvimento extremamente grande e importante naquele processo, junto com alguns de seus colegas, pela postura de cidadão que quer um ensino de qualidade e batalha positivamente por ele, e de alguém que conseguiu se colocar no lugar do receptor dos produtos jornalísticos, que espera por uma atuação profissional qualificada.*

*Não tínhamos dúvida de que o Lucas seria um ótimo jor-*

*nalista, pois, além da seriedade e do envolvimento já citados, já impressionava pela grande capacidade de leitura da realidade, sensibilidade, senso crítico, invejável alegria de viver e muita segurança quanto às suas opções e orientações pessoais.*

**Edson Spenthof**  
Jornalista e ex-professor

• *O Lucas foi um importante quadro do movimento estudantil da UFG. Fez parte da geração que reconstruiu o DCE em 2003, além de militar no DA de Comunicação. Um de seus legados é ter ajudado a colocar a questão LGBT na pauta do movimento estudantil da universidade. Foi um colega brilhante, ninguém vai esquecer o senso de humor e a sinceridade dele. Como dizia Renato Russo, "os bons morrem antes".*

**Ademar Lourenço**  
Jornalista e ex-colega

• *Falar do Lucas Fortuna, pra mim, sempre foi algo muito fácil. Nunca imaginei que no último mês falar sobre esse amigo, irmão, companheiro ia me ser algo tão doído. Conheci o Lucas em 2003. No primeiro dia de aula. Pronto. Depois desse dia nunca mais desgrudamos. Com ele comecei minha militância no diretório acadêmico, Enecos, Colcha de Retalhos e por aí vai. Sempre estivemos juntos em todos os momentos. Os bons e os não tão bons, pois com ele não havia momentos ruins.*

*Eu teria muitas e muitas coisas para dizer do Lucas. Acredito que daria um livro. Mas a única coisa que sai nesse momento foram as últimas palavras que ele me disse, no dia 13 de novembro: "Amiga, eu te amo um tantão não esquece não, tá?" Não, meu amigo, eu não vou esquecer. Nunca. Obrigada, Lucas.*

**Elaine Gonzaga**  
Servidora pública e ex-colega



Elaine Gonzaga com Lucas

# Excepcional momento da Física

Com criação dos novos cursos de Física Médica e Engenharia Física, instituto colhe resultado de trabalho feito nos últimos 20 anos e atua para conquistar destaque no circuito internacional

A história do Instituto de Física pode ser dividida em três fases: a primeira, nos anos 80, com a qualificação do corpo docente, quando professores saíram para fazer doutorado. A segunda, anos 90, quando a UFG participa do acordo MEC-Banco Mundial (Bird) e consegue recursos da ordem de US\$ 700 mil. Isso permitiu aquisição dos equipamentos dos laboratórios de ressonância magnética e eletrônica, de ensino básico, óptica e de Física Moderna. Aí foi criado o mestrado, consolidando as atividades de pesquisa.

Na terceira fase, atual, o IF se prepara para começar os novos cursos de Física Médica e Engenharia Física, administra os cursos de licenciatura (diurno e noturno), bacharelado, o mestrado, o doutorado, reestrutura o ensino à distância e publica média de 60 artigos/ano em revistas de qualidade A e B. O desafio agora é o destaque no circuito internacional.

Nada disso seria possível sem um sentimento de colaboração e unidade que perpassa os professores do instituto desde a geração passada, entre os já aposentados. Neste bate-papo, o diretor do IF Fernando Pelegrini, e o colega José Nicodemos Teixeira Rabelo, fazem uma retrospectiva do instituto e traçam as perspectivas para os próximos anos.

**José Nicodemos - Podemos começar fazendo uma retrospectiva.**

**Fernando Pelegrini** - Até 1978, lecionávamos para a Engenharia, havia pouquíssimos estudantes de Física. A primeira etapa de qualificação foi no início dos 80, quando houve contratações dos professores Fornés, Orlando do Amaral, Ricardo Bufaiçal. O Walmir e eu concluímos o doutorado na Inglaterra, chegou o professor Nicodemos...

**Nicodemos - Qual a importância do professor Viatcheslav Zubov?**

**Pelegrini** - Foi importantíssima porque o desempenho da pós-graduação nesse período foi teórica. Havia pouco resultado experimental ainda. Vinte anos depois, agora, temos 130 mestres titulados. Já temos esse ano os primeiros doutorados regulares no prazo de quatro anos.

Fotos: Macoys Aquino



Fernando Pelegrini e José Nicodemos: perspectivas de crescimento do Instituto de Física

**Nicodemos - Não podemos nos esquecer do professor Fornés...**

**Pelegrini** - Fornés desenvolveu trabalhos na biofísica. De 92 para cá, com a contratação de outros professores, criou-se toda a base para a implantação do curso de Física Médica. Contribuiu para isso o trabalho que fizemos junto com a UnB sobre a aplicação biomédica de ferofluidos, em 2000. Alunos da UnB na época, que se envolveram, como professor Andris (Bakuzis), acabaram vindo. Com a contratação do Sílvio (Vieira), Cássia (Marquezin) e Ernani (Damião Vieira), acabamos tendo um corpo docente que implicou naturalmente na criação do curso de Física Médica. Não é uma Física Médica direcionada para radioterapia ou medicina nuclear. É algo bem mais vasto, envolve partículas magnéticas, de ultrassom, laser, ressonância magnética nuclear...

**Nicodemos - Como poderíamos definir esses dois novos cursos?**

**Pelegrini** - Em Ribeirão Preto, por exemplo, um projeto desenvolve um equipamento sensível para medir os átomos de ferro no fígado de uma pessoa. O físico médico deve ter conhecimento de qual é a concentração de átomos de ferro no fígado normal, saber qual deve ser a escala de campo magnético que se espera naquele órgão. Para desenvolver um equipamento desses, precisa de uma série de recursos eletrônicos para ampliar o sinal detectado e que possa gerar uma informação interessante para o médico.

**Nicodemos - Aí entra o engenheiro físico...**

**Pelegrini** - Sim, ele terá uma conexão enorme com pessoal da área de materiais, não só magnéticos, mas também com a parte de eletrônica. É por isso que o curso de Engenharia Física tem uma participação enorme do curso de Engenharia

Elétrica, para desenvolver instrumentação para isso. Haverá muitas situações na medicina e na biomedicina em que se poderá aliar conhecimento da Engenharia Física com a Física Médica e eventualmente chegar a um procedimento ou diagnóstico, tecnologia, para um novo exame. Na França desenvolvem um projeto que usa centenas de sensores magnetorresistivos para fazer um colete, que envolve do peito de um paciente pode detectar campo magnético em torno do coração e formar uma imagem do órgão funcionando, normalmente ou não, sem intervenção nenhuma. Na Inglaterra ou Finlândia, já utilizam esses sensores que, acoplados a um capacete, realizam o magnetoencefalograma. Uma convulsão, por exemplo, com as descargas elétricas dos neurônios, gera um campo magnético que permite determinar o foco da convulsão.

**Nicodemos - Então temos uma situação atual interessante no instituto.**

**Pelegrini** - Uma situação excepcional.

**Nicodemos - Sim, porque temos oportunidade de ter o desenvolvimento, lado a lado, da física teórica e experimental. E da sua interação em aplicações tecnológicas, interações com a sociedade, o caso dos hospitais e clínicas. São perspectivas...**

**Pelegrini** - Não está acontecendo ainda, mas temos as bases para isso.

**Nicodemos - Mas, a que se deveu isso, quais as causas para termos chegado aqui?**

**Pelegrini** - Uma etapa marcante foi a participação da UFG no acordo MEC-Bird, que permitiu a aquisição de equipamentos e instalação dos laboratórios de pesquisa. O antigo Departamento de Física recebeu, en-

## Quem é quem

**Fernando Pelegrini**  
Diretor do IF, graduado em Física (UnB) e doutor em Física (Universidade de Sheffield, Inglaterra).

**José Nicodemos Teixeira Rabelo**  
Graduado, especializado, mestre e doutor em Física pela Universidade Amizade dos Povos. Pós-doutor pela University of California.

tre 88 e 89, por volta de U\$ 700 mil em equipamentos. Isso criou a base do início da atividade de pesquisa. Ao mesmo tempo, a vinda do professor Zubov, em 1992, fortalecendo a parte teórica, que é o início do mestrado. Mas não houve de nossa parte, tanto dos teóricos quanto dos experimentais, uma atitude do tipo “esse laboratório é só meu, faço o que me interessa e não dou espaço para ninguém”.

**Nicodemos - Certamente, esse é um dos aspectos fundamentais.**

**Pelegrini** - Não tivemos uma atitude de fechar, “você é dono do grupo de física teórica, eu fico no laboratório, ninguém entra...”

**Nicodemos - Há um clima de colaboração.**

**Pelegrini** - Percebemos que para construir algo maior, é primeiro o instituto, depois cada um em seu particular.

**Nicodemos - O nosso instituto tem uma história de bons relacionamentos.**

**Pelegrini** - Nunca tivemos crises significativas. Alguns conflitos surgem na reunião e terminam lá. Já tivemos discussões sérias, mas acabou a reunião, acabou a discussão. Conseguimos manter isso. É uma atitude nossa, mas dos outros que aposentaram também. Se eles tivessem fechado a coisa...

**Nicodemos - Não teríamos crescido.**

**Pelegrini** - Definimos bem as linhas de pesquisa e elas levaram naturalmente a proposta de reestruturar a grade curricular, com a preocupação de valorizar a licenciatura, aproximá-la do bacharelado. Tudo isso levou a situação atual. E acabamos de ter uma informação importante: os dois projetos apresentados em partículas elementares, para o programa Ciência Sem Fronteiras foram aprovados. Talvez seja uma oportunidade para criar fora do eixo Rio-São Paulo um grupo forte na área. Um tem conexão com o Fermilab, em Chicago (experimentos sobre propriedades de neutrinos solares) e



*José Nicodemos: clima de colaboração*

o outro abre a possibilidade de participação em experimentos sobre bósons de Higgs no Cern, em Genebra. É nossa inserção em dois dos maiores laboratórios do mundo.

**Nicodemos - O IF pode se tornar uma referência no País, dentro de alguns anos?**

**Pelegrini** - Dependerá deles (dos atuais professores e alunos). Eu estou em contagem regressiva, você ainda ficará alguns anos (risos). Mas criamos uma base tal que se a geração atual souber levar isso adiante, seguramente teremos um dos grandes institutos de física do País. Temos licenciatura, bacharelado, Física Médica, Engenharia Física, mestrado e doutorado. Existe a perspectiva de uma pós-graduação em ensino de física. Isso depende só de nós. O salário no colégio depende do Estado, mas se mostrarmos para o aluno que começa a fazer a licenciatura que ele tem perspectiva de carreira acadêmica em nível superior, vamos valorizar enormemente nossa licenciatura.

**Nicodemos - Sem dúvida. Uma das idéias em discussão no instituto é essa, de tratar os cursos em pé de igualdade. Não há curso privilegiado e essa aproximação da licenciatura com o bacharelado é importante, melhorando a formação do licenciado. O instituto não cresce sem interação com a sociedade. Uma das maneiras de se fazer isso é ajudando a melhorar a qualidade do ensino na escola pública, o ensino básico e fundamental, melhorando a formação do professor.**

**Pelegrini** - Sim. Também está em discussão a reformulação do ensino à distância, para jogá-lo num outro patamar.

**Nicodemos - E para os próximos anos, quais são os desafios?**

**Pelegrini** - É mesmo a inserção internacional. A primeira etapa é marcar nossa presença no Brasil.

**Nicodemos - Estamos em processo de consolidar essa presença?**

**Pelegrini** - Sim, de termos um instituto de física fora do eixo Rio-São Paulo. Às vezes comento brincando com alunos: quando eu ficava aqui até nove horas da noite esperando o ônibus, que não chegava nunca, você olha na direção noroeste e tem Goiânia, Goiás e Aruanã quase que em linha reta. Se continuar, você sai em Bogotá. Entre Aruanã e Bogotá, a única cidade que vi no mapa é Tefé, na margem do Rio Amazonas. Estamos na fronteira da civilização (risos). Daqui pra lá é quase sertão. Então estamos fazendo um instituto atual, que produz pesquisa em nível internacional. Caminhamos para média de 60 trabalhos publicados por ano.

**Nicodemos - Em boas revistas.**

**Pelegrini** - Sim, de qualidade A e B. Predomina o B1. E estamos fazendo isso no interior do Brasil. Temos que comentar também o salto que houve na área de óptica quântica com a vinda do professor Basílio Baseia, como ex-orientador da Célia (Dantas). Acabou ficando como professor titular e consolidou um dos principais grupos de ótica quântica do País. Ex-alunos nossos que se tornaram professores, caso do Norton (de Almeida), Ardiley (Avelar), Wesley (Cardoso)... Um grupo que tem atuação em escala internacional. A física molecular, com formação inicial em Recife, com apoio forte do pessoal da USP, o grupo de materiais que tem ligação forte com pessoal de São Carlos, o que favoreceu a criação do Centro de Desenvolvimento de Tecnologia de Materiais. Quando o Basílio veio para cá, há dez anos, ele comentou que viu contraste entre a cidade, muito dinâmica, e a universidade, um tanto tímida, acanhada. Nos últimos cinco anos, depois do Reuni, hoje não se pode mais fazer esse tipo de comentário. A UFG tem uma dinâmica compatível com a de Goiânia. Vivemos uma época excepcional.

**Nicodemos - Concordo com isso.**

**Pelegrini** - E o Instituto de Física está fazendo bem a sua parte.

**Nicodemos - É, temos que trabalhar para criar mais vínculos nacionais e internacionais. Não há ciência de alto nível sem essas conexões. Não vivemos mais na época em que o pesquisador se fechava em quatro paredes. A ciência hoje é uma ciência fundamentalmente de redes, de interações, de relações humanas. Esse ainda é um desafio do instituto. Mas não só do instituto.**

**Pelegrini** - É da universidade como um todo.

*“Nunca tivemos crises significativas. Alguns conflitos surgem na reunião e terminam lá. Já tivemos discussões sérias, mas acabou a reunião, acabou a discussão. Conseguimos manter isso. É uma atitude nossa, mas dos outros que aposentaram também. Se eles tivessem fechado a coisa...”*



*Pelegrini: busca por inserção internacional*

# Matemática Industrial pesquisa tecnologia de ponta em Catalão

Curso administra laboratórios de robótica em todas as escolas municipais da cidade e avança em projetos industriais

Catalão não é apenas um dos mais importantes pólos industriais de Goiás. A partir da criação do curso de Matemática Industrial no câmpus da UFG, com o Reuni em 2009, a cidade tornou-se também um pólo de pesquisa e desenvolvimento tecnológico.

Com foco direto na formação de profissionais para a indústria, é o segundo curso do País (depois da UFPR) e consolida-se como fonte de mão-de-obra altamente qualificada para o que há de mais novo em desenvolvimento tecnológico.

Coordenado pelo professor Marcelo Stoppa até julho de 2012, um dos criadores do curso, o programa é responsável por um projeto que inicia crianças de toda rede municipal de Educação em Catalão em robótica.

Foram instalados laboratórios em todas as escolas municipais, numa parceria da UFG com a prefeitura e que pode ter ainda a



Crianças de escolas municipais de Catalão em oficinas de robótica. No detalhe, Stoppa com o presidente da Lego, Marcos Wesley

participação da Lego Zoom Education do Brasil. O projeto Robótica Educacional já qualificou 30 professores da rede e organiza, para início de 2013, uma competição de robótica interescolar.

“É incrível a motivação das crianças”, empolga-se Marcelo Stoppa. “É literalmente aprender brincando. Elas nunca querem sair do laboratório, ao contrário da aula convencional, onde contam o tempo para que acabe”, diz.

Participam do projeto os alunos com as melhores notas. “Os outros se empenham para melhorar, mostrando que querem participar das equipes”, observou. A previsão é que, partir de 2013, todas as crianças tenham acesso aos ensaios com protótipos robóticos.

O projeto fez com que a Lego convidasse Stoppa para conhecer a sede da empresa em São Caetano

do Sul (SP), em outubro passado. A empresa quer publicar um livro do professor sobre Robótica Educacional, em 2013.

Da visita, surgiu a possibilidade de participação da multinacional num projeto da Matemática Industrial de um “carro ecológico”, um veículo de baixo custo, para pequenas distâncias, movido à energia elétrica e alimentado por uma placa solar, com estrutura em PVC (veja entrevista na página 11).

Além disso, o Departamento de Matemática ganhou edital do Ministério das Comunicações com projeto de inclusão digital na zona rural e recebeu convite para acompanhar pesquisa de ponta em novas tecnologias na indústria automobilística.

## Adesivos

Na indústria automobilística, a Matemática Industrial acompa-

nha a aplicação de uma tecnologia chamada “adesivagem estrutural” por uma montadora de Catalão, que pode substituir processos de soldagem em chassis.

A indústria estuda a possibilidade de esta nova técnica reduzir peso e consumo de combustível. Adesivos foram aplicados em carros, que passaram por condições extremas de uso em rallys, e os técnicos aguardam os resultados dos testes de tração, torção e descolamento.

“Uma das maiores dificuldades é a falta de um laboratório dentro da universidade onde os testes possam ser executados”, lamenta Stoppa. “Esperamos poder contribuir para a avaliação desta tecnologia, que deverá ser introduzida no processo de produção”.

## QUEM É MARCELO STOPPA

- Formado na primeira turma de Matemática do Câmpus Catalão, em 1991, mestre em Matemática (UFG) e doutor em Engenharia Mecânica (UFU).

- É professor do Mestrado Profissional em Gestão Organizacional, com pesquisa em inovação, desenvolvimento e tecnologia.

- Pelo Programa Ciência Sem Fronteiras, participa de orientações conjuntas com universidades em Halifax, no Canadá, e Oswego, em Nova York.

## Aluno da graduação aprovado em mestrado na USP

Orientando do professor Stoppa, o estudante Leandro Mundim, de 21 anos, que deve terminar o curso no primeiro semestre de 2013, foi convidado para um estágio na Lego, em São Paulo, com possibilidade de contratação, e já foi aprovado para o mestrado em Matemática Computacional, na USP.

“Quero ter primeiro essa experiência profissional, para depois continuar pesquisando na indústria”,

planeja. Mundim, que é de Monte Carmelo, interior de Minas Gerais, sempre estudou em escola pública e surpreendeu-se ao chegar em Catalão.

“O curso é muito melhor do que eu podia imaginar. Publiquei muitos artigos”, diz. Foi graças à produtividade na graduação que conseguiu o estágio e o mestrado em São Paulo. “O próprio presidente da Lego (Marcos Wesley) me ligou”, comemora.

Leandro lamenta apenas o atraso no calendário, por causa da greve. “Eu poderia ir antes”.

Ele também publicou, junto com o professor Marcelo Stoppa, o livro “A família Pereira: uma história de sucesso na zona rural”, sobre projeto de extensão que desenvolveu um aplicativo para uso em celulares, que ajuda pequenos proprietários rurais a administrar sua produção.

# ‘Robô não substituirá o homem’

O futuro da robótica e como esta contribui para a sustentabilidade. A participação do Câmpus Catalão em pesquisas de ponta junto à indústria. As dificuldades estruturais da UFG, a necessidade das parcerias privadas. Nesta entrevista, **Marcelo Stoppa** dá um panorama do pensamento sobre educação, tecnologia e pesquisa



Professor Marcelo Stoppa no laboratório de robótica, do curso de Matemática Industrial: parcerias da UFG com poder público e com a indústria

## Como a robótica pode ajudar a reduzir o consumo de energia?

**Stoppa** - A robótica está cada vez mais popularizada, com o desenvolvimento de aparelhos acessíveis tanto em termo de preço quanto de usabilidade. Nos kits robóticos que utilizamos na robótica educacional, existem componentes como células fotoelétricas que recarregam as baterias que sustentam os motores dos robôs, captando a luz ambiente, ou ainda usando o vento (que pode ser um ventilador na sala de aula) para geração de energia que é armazenada na bateria. Podemos educar nossas crianças por meio de exemplos práticos. O consumo de energia é uma questão de educação. O ser humano tem costume de sentir falta apenas quando perde, infelizmente.

## A robótica pode ser considerada uma tecnologia sustentável?

**Stoppa** - De forma geral, toda tecnologia pode ser criada ou utilizada de forma mais ou menos sustentável. Tudo depende de como é desenvolvido o projeto. A tendência é que novas tecnologias sejam desenvolvidas pautadas na sustentabilidade. O que vemos é uma onda industrial que produz equipamentos mais econômicos e ecológicos, como telas orgânicas e baterias que duram mais e gastam menos tempo para recarregar.

## A população mundial não para de crescer. Qual o futuro da robótica num contexto em que cada vez mais robôs assumem postos de trabalho humanos?

**Stoppa** - Há um distanciamento entre a qualificação comum e a exigida para o trabalho que envolve novas tecnologias. De modo geral, a educação está estagnada num modelo educacional ultrapassado. Isto faz com que a criança dentro da sala de aula não tenha motivação para aprender, pois os conceitos são repassados de maneira pouco atrativa. O mundo fora da sala de aula é muito mais atrativo: internet, redes sociais, jogos, celulares, tablets. E ainda se insiste no “quadro, cuspe e giz”. O que vemos é um número cada vez menor de pessoas aptas a lidar com a tecnologia de ponta, os postos de trabalho ficando ociosos por não haver quem consiga efetivamente ocupá-los. Acredito que nunca o robô substituirá o homem, mas precisaremos de mais pessoas aptas para programar, consertar e projetar robôs. O que precisa mudar é a forma como realizamos as atividades.

## Em que estágio está o projeto do carro ecológico?

**Stoppa** - É um projeto muito promissor. Trabalhamos com desenvolvimento de um veículo ecológico de baixo custo, para

transportar pequenas distâncias, movido a energia elétrica. Já projetamos a estrutura, que está em fase de testes e simulações no computador, para avaliar tensões e deformações estruturais antes de partir para a construção. A estrutura será em PVC e o veículo deve ser dotado de um motor elétrico alimentado por uma placa solar flexível. O veículo é simples, para pequenas distâncias e pouca carga. Serve muito bem em grandes organizações ou indústrias onde pessoas precisam percorrer espaços entre os diferentes prédios, dentro das universidades, por exemplo. Apresentamos este projeto à Lego Education, que demonstrou interesse e começaremos a estudar possibilidades em 2013. Enviamos o projeto à Petrobrás, mas ainda não obtivemos resposta. Precisamos de fomento para que ele seja desenvolvido, sofremos com a necessidade de um laboratório de análise computacional, principalmente na fase em que nos encontramos agora, de estudo estrutural.

## Como o senhor avalia a qualidade do ensino de tecnologia na UFG?

**Stoppa** - A UFG passa por uma expansão gigantesca nos últimos anos, com a criação de novos cursos e diversificação das áreas de atuação. Um destes é a Matemática Industrial. Entretanto,

esta explosão causa problemas, como a demora na conclusão dos prédios de laboratórios, demora na compra de equipamentos. Se tivéssemos mais dinheiro e facilidade para utilizá-lo, além de rapidez nos processos de viabilização de desenvolvimento de pesquisa, a UFG faria inveja a várias universidades consideradas modelos. A UFG possui o que é primordial e essencial no desenvolvimento em pesquisas tecnológicas, o material humano, os pesquisadores. Se a qualidade do ensino tecnológico não é a ideal, é devido aos fatores mais de ordem burocrática e de timing acadêmico, muito menor do que a velocidade de desenvolvimento tecnológico.

## O CAC tem parcerias com a LEGO, Mitsubish, John Deere. Qual a importância dessas parcerias?

**Stoppa** - As parcerias são muito mais que essenciais, são vitais. Diante das dificuldades que aponte anteriormente, se não tivermos um agente externo, como o setor produtivo, o desenvolvimento da pesquisa fica muito mais emperrada, travada. Entretanto, as parcerias precisam ser mais trabalhadas e facilitadas. A pesquisa tecnológica acontece quando temos a universidade dentro da empresa e a empresa dentro da universidade. Isto é primordial para o crescimento econômico e sustentável de uma nação.

## E quanto à importância das parcerias com o poder público?

**Stoppa** - É importante mencionar as iniciativas do poder público em termos de fomento. Não seria possível realizar o projeto de Robótica Educacional sem a participação efetiva da Prefeitura de Catalão, que comprou os laboratórios de robótica para as escolas municipais, e mesmo o Ministério das Comunicações que fomentou equipamentos, bolsas, dentre outras coisas. Um país não cresce se não tiver mão de obra qualificada, e isso passa por uma boa formação profissional, em todos os níveis, desde a base, até a profissionalização. Os nossos projetos de sucesso são financiados pela universidade e pelo poder público, mas isto melhora sensivelmente se o setor produtivo aumenta o percentual de investimentos e parcerias.

*“A pesquisa tecnológica acontece quando a universidade está dentro da empresa e a empresa dentro da universidade. Isto é primordial”*

*“Se tivéssemos mais dinheiro e facilidade para utilizá-lo, a UFG faria inveja a várias universidades consideradas modelos”*

# Em busca de candidatos, Filosofia cresce no Câmpus Cidade de Goiás

Curso lança vestibular de meio de ano para bacharelado em 2013. Professores defendem a necessidade da formação crítica e filosófica

O curso de Filosofia do Câmpus Cidade de Goiás cresce. Em 2013 haverá dois vestibulares, para licenciatura no início do ano e para o novo curso de bacharelado, no meio do ano, o único do câmpus a abrir vaga no segundo semestre. São 50 vagas para cada.

A expansão é uma estratégia contra um problema crônico do curso: déficit de interessados. O objetivo é atrair também aquele candidato com planos de cursar uma segunda graduação.

Com quatro anos de existência, o curso foi beneficiado com um novo acervo para a biblioteca e, dos dez professores, dois são doutores e quatro estão fazendo doutorado.

A pedido do **Jornal do Professor**, dois docentes escreveram, por email, sobre a importância e a necessidade de se estudar Filosofia.

Coordenador do curso, Fábio Amorim discorre sobre como o pensamento filosófico contribui para apurar valores como pluralismo e democracia.

O professor Silvio Marinho Ribeiro escreve sobre a busca da verdade.



**Fábio Amorim de Matos Júnior**  
Coordenador do curso, mestre e doutorando em Filosofia Antiga (Unicamp)



**Silvio Carlos Marinho Ribeiro**  
Mestre em Filosofia pela UFG

Fotos: arquivo pessoal

## Encontro nacional discutirá pesquisa

O curso de Filosofia e a diretoria do Câmpus Cidade de Goiás, ocupada pelo professor e filósofo José Gonzalo Armijos Palácios, realizam o II Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Filosofia (II Enepefil), do dia 30 de janeiro de 2013 até o dia 1 de fevereiro de 2013.

Em parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), da Capes, e com a Revista Inquietude, dos estudantes de Filosofia da UFG, o encontro levará à Cidade de Goiás filósofos e professores da PUC-RS, UFU, UFSM e UFG.

Haverá conferências e debates sobre a relação entre Filosofia, o ensino e a pesquisa em Filosofia, além de apresentações culturais e o lançamento do número 3, volume 2 da Revista Inquietude.

Informações sobre as inscrições, que vão até o dia 14 de janeiro, são encontradas no banner do II Enepefil, no site do Câmpus Cidade de Goiás: [www.goias.ufg.br](http://www.goias.ufg.br)

**30**

de janeiro é data de início do encontro nacional de filosofia

## Pluralismo e democracia

*A convivência com tendências de pensamento contribui da maneira mais direta possível com a democracia. Os estudantes de filosofia estão sujeitos, durante todo o curso, a se depararem com argumentações plausíveis para diferentes – e, por vezes, contraditórios – posicionamentos éticos e políticos. Uma contribuição imediata do curso para o processo democrático verifica-se no âmbito da pluralidade.*

*Na medida em que a divergência conceitual apresenta-se como decorrência natural de seus estudos, os estudantes de filosofia são estimulados não somente a respeitarem a legitimidade de divergentes posicionamentos como, por sua vez, a posicionarem-se – ou não posicionarem-se – de acordo com as argumentações que lhe pareçam mais plausíveis. Ambos os processos, de aceitação da opinião alheia e de escolha das próprias opiniões, são elementos indispensáveis ao processo democrático.*

*O pluralismo de tendências conceituais é uma decorrência inerente a qualquer curso de filosofia. O pensamento filosófico é universal e atemporal. Desde que surge, uma questão filosófica está sujeita a diferentes desenvolvimentos e a diversas soluções. Por outro lado, a filosofia insere-se no rol dos saberes “clássicos”, isto é, inexiste na área a concepção de que uma resposta antiga é, necessariamente, uma resposta ultrapassada em relação às novas soluções apresentadas para uma determinada questão.*

## A busca da verdade

*A filosofia compartilha com a ciência a investigação sobre o que é verdadeiro, ou sobre o que podemos dizer que é verdadeiro, através da atitude crítica e da disposição para duvidar do que é aparentemente evidente. Contudo, enquanto a ciência se orienta para campos específicos ou particulares da realidade, a filosofia visa uma compreensão sobre o todo ou sobre algo que seja fundamental para o todo.*

*A física, por exemplo, se orienta para os fenômenos físico-materiais. Mas em filosofia há uma preocupação com questões do tipo: como compreendemos o conceito de fenômeno? Embora se possa alegar que a física também se preocupa com a totalidade, uma vez que desenvolve teorias sobre a origem do universo, filosoficamente poderíamos questionar se é necessário que o universo tenha uma origem e se tal origem deve ser necessariamente física ou material.*

*Alguns filósofos defendem que a vida por si só não tem sentido, que o sentido é meramente uma decisão subjetiva; outros dizem que a vida tem sentido por si só e que é irracional crer que a vida não tem um sentido objetivo. Não há uma resposta pronta e acabada para tal questão. Se alguém quer ter uma postura crítica e avaliar a plausibilidade da resposta que se tem sobre tal questão, é bastante útil entrar em contato com filósofos que pensam e escrevem sobre tais assuntos.*

# Gestores do campo em formação

Empresa júnior da Agronomia do Câmpus Jataí firma parcerias com multinacionais e prepara alunos para mercado de trabalho

Tudo começou em novembro de 2010, quando o Banco do Brasil procurou o curso de Agronomia do Câmpus Jataí para que ajudasse a fechar projetos de financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do Ministério do Desenvolvimento e Agrário, junto a produtores familiares da região.

Aí surgiu a empresa júnior No Campo, que nesses dois anos já auxiliou 15 pequenos proprietários de Jataí e Perolândia, município próximo, mas que tem se destaca-



Fernando Gielfi apresenta resultados de levantamento sobre pulgão em algodoeiro

Fotos: arquivo pessoal, Fernando Gielfi

do mais pelos projetos em parceria com grandes produtores e empresas multinacionais, fabricantes de sementes híbridas, com estudos de avaliação de genótipos de grãos e

ensaios com insumos, defensivos, inseticidas e pesticidas.

Os maiores eventos organizados pela empresa, o Uni Campo e o Dia de Campo, que ocorrem uma

vez por ano, divulgam resultados de testes realizados pelos estudantes e professores em amostras de híbridos – cruzamentos de linhagens de sementes – produzidos e utilizados pelas empresas em safrinhas de milho e algodão. A empresa júnior recebe as amostras, planta, acompanha o desenvolvimento, colhe, calcula os resultados e então os divulga em forma de competição.

## Reinvestido

No último Dia de Campo, em março de 2012, foram apresentados resultados de produtividade de amostras de oito empresas, sendo que cada uma experimentou de seis a oito híbridos. As empresas pagam em torno de R\$ 800 por híbrido e todo dinheiro arrecadado paga os custos dos eventos e é reinvestido na empresa júnior, que gasta com adubo, inseticida, mão de obra, aluguel de máquinas.

“É importante para pesquisa e extensão, mas o mais importante é o empreendedorismo, despertar no aluno essa experiência do mercado de trabalho, de buscar convênios, projetos, conduzir o campo. Ele tem que ter a responsabilidade de um agrônomo, de um engenheiro profissional, saber fazer parceiros”, diz o orientador da empresa, o professor Fernando Gielfi.

“É essa capacidade que adquirem para coordenar, empreender, liderar e tomar decisões. Se o aluno for gerente de projeto, ele tem autonomia para fechar contratos, porque acerta valores, condições de pagamentos, representando a empresa júnior”, detalha. A No Campo tem parcerias com empresas como Bayer, Dow, Syngenta, Nidera e outras.

“O fortalecimento da empresa júnior depende dos alunos à frente, e do orientador. O orientador não tem nenhum benefício. Mas precisamos dos programas de incentivo, capital e prêmios, isso é importante não só para Agronomia, mas para os outros cursos”, acrescenta.

São 20 alunos envolvidos, da Agronomia, Zootecnia e Engenharia Florestal, auxiliados por 10 professores consultores.



Parte da equipe No Campo, a empresa júnior da Agronomia: experiência como empreendedores

## ‘Existe mídia em torno da agricultura familiar’

O suporte que os integrantes da empresa júnior oferecem aos pequenos produtores consiste principalmente em auxiliá-los com a parte burocrática do Pronaf. Depois, é acompanhamento em campo, com inseminação, balanceamento de ração, cálculos de viabilidade e de custos da propriedade, acompanhamento leiteiro, recomendações de plantio, adubação. Se aprovado, o produtor paga 2% do valor financiado à empresa.

“Na empresa tive a oportunidade de ter contato com produtor,

porque na universidade não temos essa relação. Engrandeco como acadêmico e ofereço oportunidade para essas famílias permanecerem no campo, já que a falta de informação e de assistência técnica é o que mais os motiva a deixarem a terra”, diz o diretor do Pronaf na empresa, Saulo Alves Rodrigues Júnior, de 21 anos, aluno do oitavo período de Agronomia.

“Mas profissionalmente quero trabalhar com grandes empresas”, ressalta. “Se fosse pra me sustentar trabalhando só com pequeno produtor, não conseguiria. Um projeto

desse leva de três a seis meses para ser aprovado. É muito lento do processo”, diz. “Existe uma mídia em torno da agricultura familiar, mas na realidade não tem essa facilidade toda que o governo fala. Só falam que o juro é baixo, mas o produtor mal consegue se manter lá”, critica.

Não há pesquisas com produção de alimentos orgânicos na empresa júnior. “Não há interesse do produtor. A empresa busca aquilo que o mercado tem interesse”, diz o orientador, professor Fernando Gielfi.

## PROFESSORES PARTICIPANTES

- Fernando Simões Gielfi
- Carla Gomes Machado
- Américo Nunes da Silveira Neto
- Jaqueline F. Rodrigues
- Vilmar Antonio Ragagnin
- Carlos Alexandre Gomes
- Antonio Paulino da Costa Neto
- Paulo César Timossi
- José Hortencio Mota
- Luciana Celeste Carneiro

# Violência e alegria no palco

Espectáculo de programação de festival da Emac instiga ao fundir sensações dicotômicas

O que separa o equilíbrio do caos, a violência da alegria, a guerra e a paz? Não é isso que importa, a separação. Mas o encontro entre uma coisa e outra.

Instigada com esse encontro, a performer e coreógrafa carioca Marcela Levi (foto) criou o igualmente instigante “Em redor do buraco tudo é beira”.

O espetáculo integrou a programação do Festival Universitário de Artes Cênicas de Goiás (Fuga 5), promovido pela Escola de Música e Artes Cênicas (Emac), em dezembro de 2012.

A apresentação não oferece os manjados pacotes do “aqui você chora”, “ali você ri”. Entre as cenas, o público se divide entre os que se alegram ou se angustiam.

No palco, fragmentos de felicidade e desespero entram em choque, intercalados por cenas curtas e potentes, que se interrompem a todo instante entre silêncios e estrondos.

Duzentas cenouras surgem em forma de um cinturão de balas que orna um coelho, atravessadas na boca de uma dançarina ou simplesmente caem do céu, como bombas.

Barulhos assustadores de aviões em raste são a trilha do coelho que saltita e que,

subitamente, aponta em silêncio um canhão para plateia. O público estremece quando este dispara papéis picados e serpentinhas.

“O coelho é fofinho, mas com fome é encarcerado é capaz de comer a si próprio”, disse Levi, em referência ao coelho assassino de “Monty Python e o Cálice Sagrado”, durante conversa com a platéia, ao final do espetáculo.

Além dos Pythons, há pinçadas de “Stroszek”, de Werner Herzog, e de “A noviça rebelde”, de Robert Wise, além de outras referências literárias e musicais.

“Duas coisas me incomodam, com que trabalho artisticamente: o pensamento dicotômico, bom versus mau, e a linearidade, o começo-meio-e-fim”, disse.

Porque na vida, diz, “pessoas flanam enquanto outras morrem. Nesse encontro temos uma visão apenas parcial das coisas”, reflete.

A vida é abrupta, como se subitamente caíssemos nela. “E um dia, puf!, acabou, chega a morte”, emenda Marcela. “Somos fragmentos de narrativas”.

A peça surgiu em 2009 e em 2010 foi contemplada com o prêmio ZKB :: Zurique. Marcela Levi dirige e atua, junto da performer e coreógrafa argentina Lúcia Russo, que também faz a produção geral.



Rogério Ortiz/divulgação

## Festival serviu de laboratório cênico a estudantes

O Festival Universitário de Artes Cênicas de Goiás (Fuga 5) foi um grande laboratório para pesquisa e experimentação cênica para alunos da UFG e de outros institutos.

Realizado no início de dezembro, teve 15 espetáculos com participação de professores convidados de outras universidades, e contou com apoio dos cursos de Dança e de Música.

“(O Fuga) abarca a produção que é realizada pela Emac e promove diálogo com a comunidade, o que enriquece muito nossos alunos e fortalece o mercado”, disse o coordenado Kleber Damaso.

Cristine Cidade



Kleber Damaso: foi um encontro hiperartístico

“É informação em circulação, é um circuito. A brincadeira com o nome do Fuga: algo que está em deslocamento, novos caminhos, novas direções. Outros pontos de vista, novas perspectivas. É um encontro hiperartístico”, define o professor.

Pelos menos 30 pessoas – dentre professores, alunos de monitoria e servidores técnicos administrativos – participaram da organização da quinta edição do festival. Cinquenta profissionais e artistas se apresentaram ou deram oficinas.

A organização estima que o evento tenha movimentado público de mil pessoas.

## Contato visual com pássaros imaginários

“Ver para sensibilizar-se. Sensibilizar-se para ver”. A professora aposentada da FAV Heliana de Almeida falava e mostrava os quadros de sua última exposição individual – Ver-Ativo - Pássaros Imaginários – enquanto pássaros cantavam no jardim de sua casa, no Setor Jaó.

“A inspiração vem da minha vivência, da minha casa, de tudo que me constitui. A criação está no ar”, diz.

A coleção é para ver, mas Heliana defende um espectador de corpo inteiro, integrado à natureza. “Olhos, ouvidos, mãos, contato e paladar. O contato é visual, mas há aprofundamento da percepção. É só se entregar ao ato de ver”.

São 52 trabalhos, inicialmente expostos na

parte externa de sua casa, intercalados por jardins, de uma produção que teve início em 2011.

Os pássaros começaram a surgir em sua obra já no trabalho anterior, de 2010, “A arte de gravar escrita nas 4 estações”, em que Heliana explorou folhas. Este havia sucedido outro trabalho, cujo tema eram borboletas.

“Observo com atenção a natureza. As plantas, folhas, flores, sementes. Os animais, as borboletas, as libélulas, os pássaros. Essa sintonia com a natureza marcou profundamente a minha formação como ser humano”, disse.

Quem se interessar pelos pássaros imaginários pode conferir-los na casa da professora. O telefone da artista é (62) 9973-2575.

Cristine Cidade



Heliana de Almeida: ver para sensibilizar-se

# Varguismo em voga 82 anos depois

Historiador  
elege opositor  
a Getúlio  
Vargas para  
compreender  
a atualidade  
do trabalhismo

Entender a Revolução de 30 e o significado do varguismo a partir de opositores. Compreender a cultura política do trabalhismo – ainda forte no governo atual – a partir da crítica contra seu maior artífice, Getúlio Vargas.

É a proposta do professor da Faculdade de História Noé Freire Sandes, com o livro “O tempo revolucionário e outros tempos: o jornalista Costa Rego e a representação do passado (1930-1937)”, lançado em 2012 pela Editora UFG.

Noé debate com o principal articulista político entre os anos 30 e 50, Pedro da Costa Rego, do principal jornal brasileiro à época, o *Correio da Manhã*. Costa Rego fora governador e senador por Alagoas ainda antes de 1930 e acabou exilado na França, quando assumiu Getúlio.

De volta ao Brasil em 31, o político se revela jornalista e investe sua carga crítica para tentar desconstruir a imagem do ditador, por meio de crônicas assinadas no jornal com a maior tiragem do País: 140 mil exemplares diários.

“Costa Rego observa a revolução de outro patamar”, localiza Noé. A Revolução de 30 construiu uma visão positiva sobre si mesma, de vitória de um projeto político sobre o qual esta outra geração, a de Costa Rego, não teve capacidade de ordenar o olhar e a voz.

“Restituir a voz daqueles que foram derrotados é fundamental para compreender esse processo”, diz Sandes. É uma escolha em respeito ao método utilizado pelo historiador, de uma compreensão definida pela leitura dos diferentes tempos.

## Traidor

Após 30, Vargas virou as costas para princípios da elite que o apoiou e que o elevaram ao poder, como força aos liberais, chamar eleições livres e a constituinte. “Quem era Vargas entre 30, 31 e 32? Um traidor. Era essa a visão de Costa Rego”.

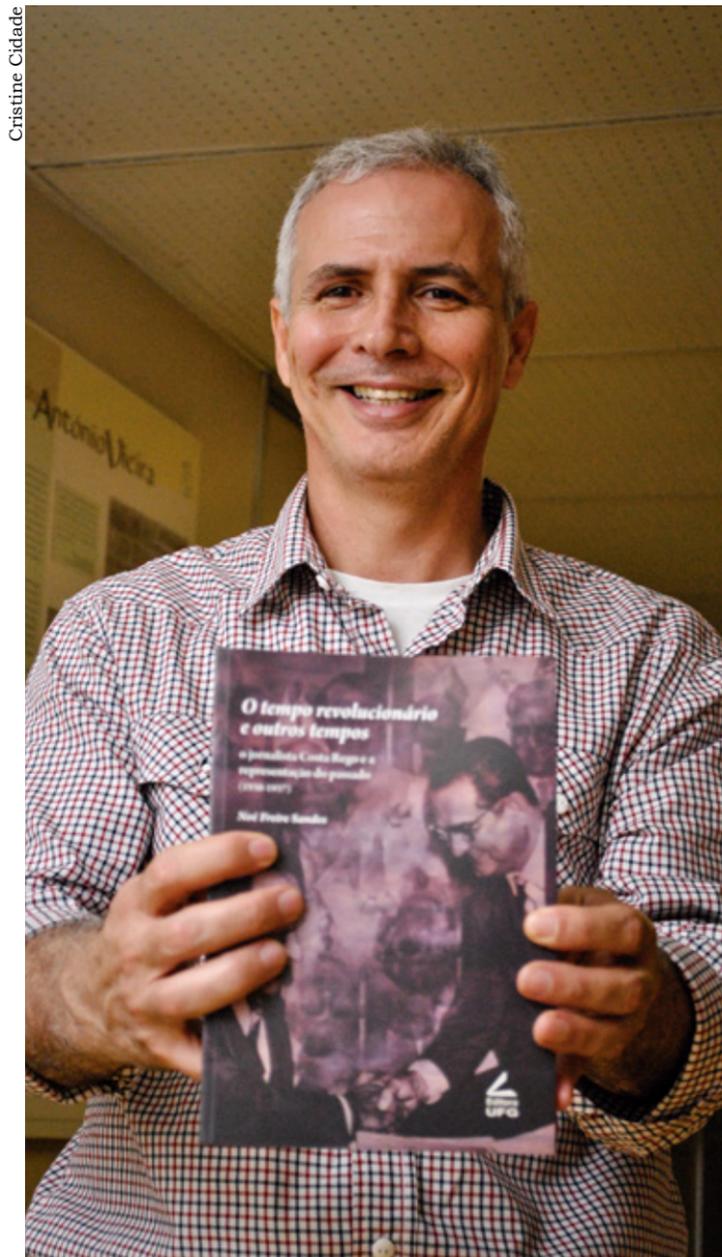
“A história é um grande diálogo entre tempos. Retomar o tempo de Costa Rego é ser capaz de pensar uma perspectiva sobre a montagem do tempo revolucionário a partir de um outro tempo”, diz o historiador.

## ‘Fernando Henrique acabou com a era Vargas’

O livro mostra uma cultura política muito forte e presente no Brasil, que ganhou fôlego nos anos 50, no segundo governo de Vargas, e depois com João Goulart: o trabalhismo, pensamento resgatado com os governos Lula e Dilma Rousseff.

“O governo Fernando Henrique Cardoso significou outra visão, que chamamos de neoliberal, um afastamento entre Estado e estado civil, menos Estado, desestatizar, reduzir o tamanho do Estado”, diz Noé.

“De algum modo, Lula e Dilma aproximam-se da cultura varguista. O que Fernando Henrique fez foi acabar com a era Vargas, que resistiu em dada medida como perspectiva de ordenação política e econômica por todo esse tempo”, diz.



Noé Freire Sandes segura seu último lançamento: “De algum modo, Lula e Dilma aproximam-se da cultura varguista”

## ANOTE

**O tempo revolucionário e outros tempos: o jornalista Costa Rego e a representação do passado (1930-1937)**

- Editora UFG, 2012
- 208 páginas
- R\$ 21

A perenidade do trabalhismo como valor – que nos anos 60 se viria a se chamar populismo – se deve a participação efetiva dos trabalhadores nos governos Vargas. “Mesmo no Estado Novo o Partido Trabalhista Brasileiro tem uma dimensão de ação e participação efetivas”, diz.

## Risco

Viveríamos, portanto, um resgate? “Creio que sim. Mas veja, resgato essa perspectiva a partir da crítica que Costa Rego tinha a ela. A fonte é um jornalista de oposição ao varguismo. Porque o outro risco é endeusarmos Vargas e carimbarmos sua posituação sem a dimensão autoritária que esteve presente em todo seu governo”, ressalta.

*“Os reformadores do mundo sempre existiram. Quem o reformou pela primeira vez foi o próprio Deus. Note-se que Deus, já naquela época, não admitia a perfeição; e o mundo era, entretanto, obra sua. Os tolos e vaidosos é que se julgam autores de obras imperecíveis e perfeitas. Reformou Deus o mundo com o dilúvio universal, método sumário, ainda hoje de uso corrente. Mas o dilúvio não foi um ato de destruição; foi um ato de recomposição. Sua história está no Gênesis. Abramo-lo”.*

**Costa Rego** critica Getúlio Vargas na crônica “O novo e o velho” (*Correio da Manhã*, p. 2, maio de 1931)

HORIESTE GOMES

# Dois lados da ditadura militar na UFG

Professor conta como foi perseguido por delatores mas também que contou com apoio de colegas dentro da universidade

Naquele final de 1962, Bernardo Élis convidou o então professor do Lyceu Horieste Gomes para trabalhar no recém criado Centro de Estudos Brasileiros (CEB), da UFG, que funcionava na Rua 82, 455, Setor Sul, em Goiânia.

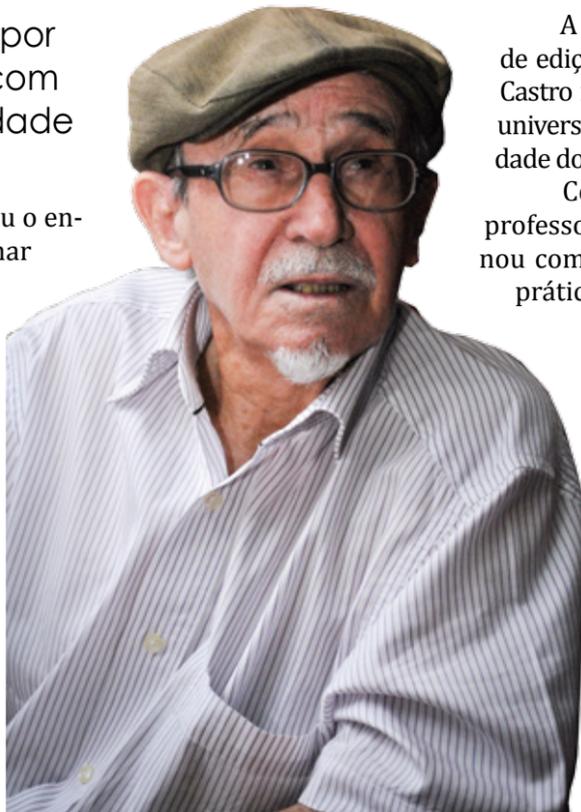
“Era aqui nessa casinha (o CEB)”, lembra Horieste, em frente ao Edifício Colemar Natal e Silva, que hoje guarda parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), cuja cadeira número 37 é ocupada por ele.

O professor comunista recebeu o **Jornal do Professor** numa manhã de novembro passado, na sede do IHGG, para falar sobre os embates que enfrentou junto a colegas delatores, cujos nomes ele prefere não citar, mas também para lembrar daqueles que o apoiaram durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985).

Integrante da resistência ligada ao movimento estudantil, o historiador, escritor e geógrafo era simpatizante do PCB desde os anos 50. Mas foi o golpe que o motivou a filiar-se ao partido, em 1964, e a se articular junto ao movimento de esquerda dentro da UFG.

“Como militante ativo no PCB é que me fiz homem, cidadão goiano, brasileiro e planetário, à altura de compreender a dinâmica do capitalismo a partir de sua formação socioeconômica e do respectivo modo de produção”, afirma em seu livro “Cela 14 - militância, prisão e liberdade”.

A atividade política acirrou diferenças entre professores. “Passamos por altos e baixos, com perseguições e enfrentamentos físicos. Muitos colegas presos, muitos professores eram agentes do governo. Uma relação tensa e bem definida, duas linhas de pensamento distintas”, diz.



## Nomes de guerra

- Horieste Gomes nasceu em Igarapava (SP) e mudou-se com a família para Goiânia em 1939, com 5 anos. Os avós maternos Fioravanti Bariani e Maria Bariani haviam chegado da Itália em 1937.
- Trabalhou como marceneiro e no beneficiamento de arroz antes de lecionar no Lyceu de Goiânia. É graduado em Geografia (PUC) e História (PUC). É professor emérito pela UFG.
- Publicou mais de 150 artigos e 20 livros.
- Thiago, Chico e Jacó foram alguns dos nomes de guerra usados por Horieste Gomes no PCB, partido no qual militou por 25 anos.

A tensão se intensificou em 1968, quando, no mesmo ano de edição do AI-5, Horieste, Sérgio Paulo Moreira e Olavo de Castro redigiram o manifesto dos professores por autonomia universitária, liberdade política e ideológica, e luta pela qualidade do ensino público.

Conseguiram juntar quase 400 assinaturas, já que professores secundaristas também aderiram, o que terminou com a abertura de um inquérito contra Horieste, pela prática de “terrorismo cultural” dentro da UFG.

As investigações renderam três mandados de prisão entre 1972 e 1974. Horieste passou pelo antigo Cegaigo, em Aparecida de Goiânia, e pelo Pelotão de Investigação Criminal (PIC), do Destacamento de Operações de Informações (DOI-CODI), em Brasília.

Sofreu tortura psicológica, foi espancado, tomou choques. Ele prefere não detalhar. “Determinadas situações vividas por mim nos porões da ditadura e por outros companheiros, por uma questão pessoal, não serão relatadas neste depoimento”, afirma no “Cela 14”.

Graças a atuação de colegas delatores, acabou atingido pelo decreto 477, que lhe rendeu a perda do cargo de professor do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) por cinco anos, por subversão. Acabou afastado da UFG por sete anos.

## Exílio

Sem o cargo, dedicou-se ao PCB. Quando saiu do Cegaigo, em 74, mobilizou-se para reativar uma nova célula do partido, que fora extinto. Novamente começaram as perseguições, até ele articular a fuga do País em 1975, para a Suécia.

“Não tinha condições de ficar. Ou saía, ou era preso novamente. Fomos alertados pelo advogado na época, o professor Rômulo Gonçalves, de que o procurador federal insistiria. Houve de fato a abertura de inquérito, mas eu já estava fora do Brasil”, relata.

Sem emprego ou renda, a ida para a Suécia foi bancada por colegas simpatizantes da UFG. “Foi uma participação voluntária de professores que não deram o nome, mas uma parte deles eu sei”, diz, também sem nominar.

O passaporte foi o mais difícil. “Não consegui, estava bloqueado na polícia aqui (Goiás) e tive que comprar com um judeu em São Paulo. Esse passaporte custou na época três mil cruzeiros, era muito dinheiro”.

Foram cinco anos na Suécia, onde trabalhou como faxineiro, aprendeu o básico da língua e, dois anos depois, em 1977, conseguiu ser aceito para um programa de pesquisa na Universidade de Lund, para doutoramento.

“Eu tinha uma dificuldade imensa com o orientador, por que ele falava Skanska, um dialeto do sul da Suécia. Estava fazendo minha tese quando veio a Lei da Anistia. Eu não cheguei a defender a tese, preferi voltar para casa”.

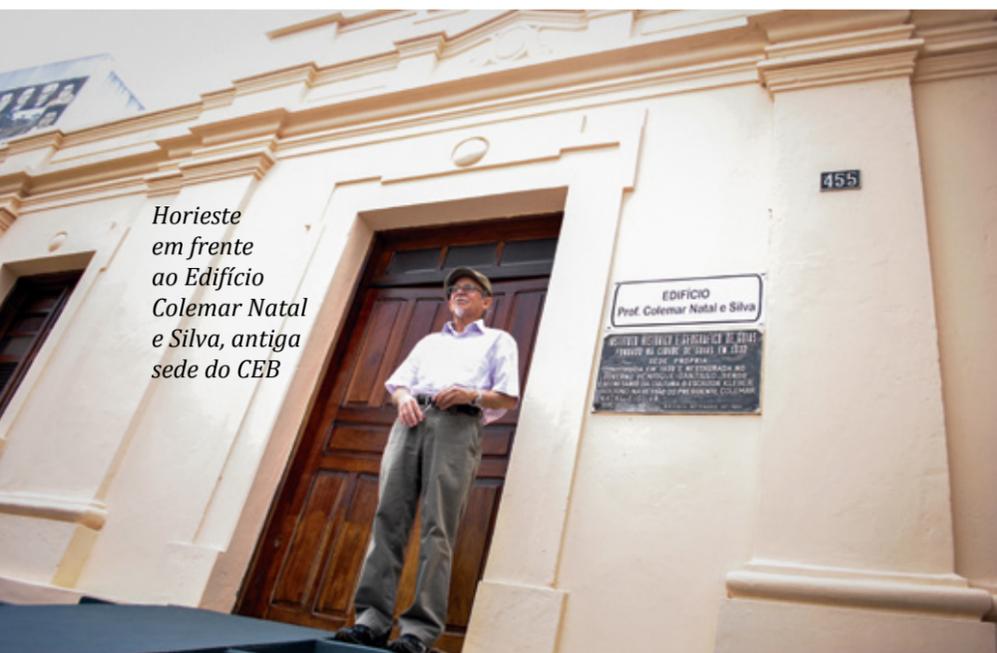
Em 1980 retornou ao Brasil e foi reempessoado aos cargos anteriores, tanto no ICHL quanto no Instituto de Geociências, que mais tarde ajudaria a transformar no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA). Aposentou-se em 1992 e tornou-se professor emérito da UFG em 1995.

## Pesquisa em arquivo do Dops

Horieste passou um ano pesquisando arquivos oficiais da ditadura em 1995, quando a UFG recebeu documentos do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) no Estado. Ele usou o material para embasar parte do “Cela 14”, mas constatou que o acervo corrompido.

“Encontrei um arquivo totalmente lavado, enxugado. Esses documentos já haviam sido enviados pra Brasília, depois é que foram enviados para a universidade”, disse. “Mas foi importante. Encontrei o documento que condenava professores tidos como ‘intelectuais subversivos’”.

A pobreza desse material – e a falta de informações sobre os 15 militantes de esquerda mortos ou desaparecidos, além de dezenas de pessoas presas e torturadas durante o regime – foi o que motivou a vinda da Comissão Nacional da Verdade a Goiás, em julho passado.



Horieste em frente ao Edifício Colemar Natal e Silva, antiga sede do CEB

Fotos: Christine Cidade

## Esquerda perdeu a ideologia

O que inquieta Horieste é a perda de rumo da esquerda brasileira. “Essa estrutura econômica muito forte conseguiu quebrar grande parte da ideologia (socialista), que não havia sido plasmada no interior das pessoas ainda”, lamenta.

“O que mantém uma organização com princípios éticos, morais e partidários é ter uma ideologia forte, canalizada em busca do socialismo”, acredita. “Grande parte dos militantes partiu para uma visão que eles consideram democrática”, critica.